

Literaturas amefricanas, pensamento amefricano

Alcione Correa Alves¹

Universidade Federal do Piauí, UFPI, Teresina, PI, Brasil

Daiana Nascimento dos Santos²

Universidad de Playa Ancha, UPLA, Valparaíso, Chile

Liliam Ramos³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

[...] Nacimos del camino
sin entender
el llamado sin voz.
¿De dónde salen los huecos
de estos hechos?
De los ecos
perplejos
a veces sinceros
donde florecen el sueño.
Vivimos en el vuelo de los coros
y nos dejamos llevar por el sonido [...]
(Rodríguez, 2021, p. 13).

Apresentação

A experiência de leitura do poemário *La valija de los huesos* proporciona uma pergunta de partida instigante, tanto quanto necessária, a uma comunidade científica de Estudos Literários dedicada à pesquisa e ao ensino sobre o que amiúde denominamos literaturas afroamericanas (ou afrolatinoamericanas). O recurso a um tempo presente (ou, melhor dito, a modos ocidentalmente reconhecidos como expressão do tempo presente) oferece uma primeira quebra a nosso horizonte de expectativa, ante o que esperamos de obras literárias caracterizadas, circunscritas no âmbito do *afro*:- se se diz sobre a memória, tal dizer exigiria,

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Associado da Coordenação de Letras Estrangeiras (CLE/UFPI) do Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL/UFPI) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8405-430X>. E-mail: alcione@ufpi.edu.br.

² Doutora em Estudios Americanos pela Universidad de Santiago de Chile (USACH). Professora Titular do Departamento de Artes Integradas da Faculdade de Artes da Universidad de Playa Ancha (UPLA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5210-5475>. E-mail: daiana.nascimento@upla.cl.

³ Professora permanente do PPG-Letras-UFRGS nas linhas de pesquisa 1. Pós-colonialismo e identidades e 2. Sociedade, tradução e (inter)textos literários nas Literaturas Estrangeiras Modernas. Coordena pesquisa sobre autorias negras latino-americanas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1963-5917>. E-mail: liliamramos@gmail.com.

contudo, [supostamente,] que se diga no passado, enquanto domínio próprio a identidades negras⁴. A voz poética, contudo, propõe a pergunta no presente, em uma forma específica de presente na qual, mirando ao abismo, nossas identidades necessitam se construir constantemente, de modo a lidar com a pergunta, a mesma pergunta enunciada de muitos modos, a mesma pergunta o tempo todo: “¿De dónde salen los huecos/de estos hechos?”. No presente, sujeitas(os) negras(os), em seus devires, constroem identidades malgrado “sin entender/el llamado sin voz”.

[...] A face mais petrificante do abismo é, muito à frente da proa do navio negreiro, esse rumor pálido que não sabemos se é nuvem de tempestade, chuva ou garoa, ou fumaça de uma fogueira tranquilizadora. Dos dois lados da barca as margens do rio desapareceram. Que tipo de rio é esse que não tem meio? Seria ele apenas uma dianteira? Não estaria essa barca vagando eternamente pelos limites de um não mundo, não frequentado por nenhum ancestral? (Glissant, 2021, p. 31).

Em consonância tanto à trajetória quanto às comemorações de seus 25 anos, a revista *Linguagem & Ensino*, em sintonia com a constatação de correntes de pensamento se apresentando como paradigmas alternativos (Hill Collins, 2019, p. 403) no atual cenário da comunidade científica da grande área de Linguística, Letras e Artes, no Brasil⁵, apresenta, em sua nova edição, uma chamada a dossiê sobre literaturas afroamericanas. No dossiê ora apresentado ao público de nossa Revista, recebemos e selecionamos submissões a interpretar o tema de maneira a avançar em nossos conhecimentos sobre obras literárias, ensaios e produções científicas afroamericanas, assim como promover intercâmbios entre pesquisas acerca das referidas literaturas. Cada um dos textos constantes desta edição busca, desde distintas abordagens correntes em nossa comunidade científica, promover avanços em nossas investigações sobre literaturas afrobrasileiras, seja mediante estudos de caso ou abordagens comparativas,

[...] não só a respeito da instauração do regime escravista no Brasil e da memória em relação ao período em que o mesmo vigorou no país, como também a respeito das implicações da presença negra outrora escravizada na conformação do que são a sociedade e a cultura brasileiras contemporâneas (Nascimento dos Santos; Pereira, 2020, p. 342).

Ainda, os textos buscam destacar os estudos de autorias negras em âmbito americano, promovendo a aproximação de narrativas e poéticas negras sempre retomando a África como espaço de construção simbólica de imaginários. O presente número da revista *Linguagem & Ensino* oferece, a investigadoras(es) do tema, artigos atinentes a investigações sobre

⁴ Sobre a quebra de nossos horizontes de expectativa, enquanto investigadoras(es) a manejar um certo *telos* a obras literárias amefricanas no corpo de nossas hipóteses de pesquisa, das quais decorrem problemas e soluções modelares circulantes na comunidade científica dos Estudos Literários, consulte-se: Augusto (2019).

⁵ Vide, por exemplo, seus números recentes v. 25, n. 1 (2022), v. 23, n. 4 (2020), v. 23, n. 1 (2020); assim como os eixos ao XVIII Congresso Internacional da ABRALIC, realizado nas dependências da Universidade Federal da Bahia, igualmente apontando referida constatação.

literaturas afroamericanas (nas quais se pensa, em relação de continência: as literaturas afrobrasileiras; as literaturas afroestadunidenses; as literaturas afrocaribenhas), assim como investigações sobre o pensamento amefricano em sua relação com as literaturas-tema do dossiê, naquilo que, em um horizonte de contribuição a uma teoria literária possível, fomenta “[...] a elaboração de novas categorias de análise e, por consequência, novas epistemologias para pensar as literaturas de autoria negra” (Ramos, 2022, p. 123).

Amefricanidade como categoria de análise para as produções de autorias negras

A atual edição da Revista *Linguagem & Ensino – Dossiê Literaturas Amefricanas* – propõe uma abordagem da literatura produzida nas Américas e em África a partir da amefricanidade como categoria de análise para pensar as referidas obras. Elaborada pela intelectual brasileira Lélia González (1935-1994), a categoria de amefricanidade, gestada entre o final das décadas de 1970 e 1980⁶, comprova que os diálogos entre as negritudes americanas sempre foram constantes e profícuos; que as autorias se liam, se conheciam e, ainda, proporcionavam debates sobre identidade em um continente que pouco reconheceu a presença negra para além do trabalho extenuante e brutal imposto pelo sistema escravagista, enquanto uma das características a delinear a organização capitalista do atual sistema-mundo.

Uma apropriação da amefricanidade, concebida como categoria de análise, permitirá à comunidade científica dos Estudos Literários estabelecer, nas análises literárias de textos amefricanos, redes, rizomas que se permitam entrever em tais diálogos, para além de uma noção de inter ou transdisciplinaridade, mas, sobretudo, no sentido de perceber redes de pensamento amefricano a construir modos de compreender e agir no mundo, a partir de um ponto: uma origem comum, um princípio comum.

Seu valor metodológico, a meu ver, está no fato de permitir a possibilidade de resgatar uma *unidade específica*, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo. Portanto, a *América*, enquanto sistema etnogeográfico de referência, é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos (González, 2020, p. 182).

⁶ De modo didático, talvez poderíamos circunscrever essa década de gestação da amefricanidade como categoria de análise a nossos devires negros nas Américas, em um marco temporal compreendido entre a visita de Lélia González e Abdias Nascimento a universidades estadunidenses, incluindo a apresentação de comunicações orais de Lélia González em congressos nessas universidades, assim como o estabelecimento de intercâmbios com intelectuais afroestadunidenses; e o congresso de intelectuais negras(os) ocorrido na Martinica, no final dos anos 1980 – tema de seus ensaios intitulados “Uma viagem à Martinica”. Como resultado sistematizado de tal gestação, as atuais circunstâncias de um campo editorial amefricano no Brasil nos oferecem, em edições recentes do pensamento de Lélia González, textos norteadores como o [hoje] clássico “A categoria político-cultural da amefricanidade”, suplementado pelo ensaio “Nanny: pilar da amefricanidade”, esse último assaz relevante a nossas apropriações do pensamento de Lélia González por parte da comunidade científica de Estudos Literários, no Brasil.

Enquanto categoria de potencial apropriação, no âmbito da Literatura Comparada, a amefricanidade, assim apresentada, propõe uma inovação ante nossas tendências a, metodologicamente, seja na chegada seja mediante exame de mecanismos hiper ou transtextuais, postular um princípio comum, elaborando a pergunta sobre a imprevisibilidade de devires amefricanos possíveis (lidos como modos de tratar existências que, no presente, dialogam com esse princípio comum)⁷.

Por conseguinte, o termo *amefricanas/amefricanos* designa toda uma descendência: não só a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro como a daqueles que chegaram à AMÉRICA muito antes de Colombo. Ontem como hoje, *amefricanos* oriundos dos mais diferentes países têm desempenhado um papel crucial na elaboração dessa amefricanidade que identifica na diáspora uma experiência histórica comum que exige ser devidamente conhecida e cuidadosamente pesquisada (González, 2020, p. 182).

Uma apropriação da categoria de amefricanidade sob tais bases, proposta, inicialmente, no conjunto de textos ora apresentados no presente número da Revista Linguagem & Ensino, consistiria em uma contribuição mais efetiva de um marco de pensamento amefricano para, em nossa ciência, avançar na análise de obras literárias amefricanas levando em conta tanto o seu Diverso como o que Fábio Durão caracteriza como “o potencial epistemológico das obras literárias” (Durão, 2015, p. 378)⁸.

Apresentação dos textos do dossiê

A apresentação dos textos seguiu a seguinte ordem: os dois primeiros textos trazem uma reflexão panorâmica sobre as negritudes americanas em diálogos com epistemologias africanas a partir de reflexões sobre a invisibilidade de teorias e autorias negras na formação da crítica literária do continente americano. Já o segundo grupo de textos analisa obras específicas de autorias negras se utilizando de referenciais teóricos também de autorias negras para pensar em possibilidades de análises e aplicações de conceitos para as

⁷ A respeito de um princípio comum, na base da formulação de Lélia González, conviria sublinhar a amefricanidade para além, igualmente, de uma noção estabelecida de formações históricas próprias a sujeitas(os) negras(os) nas Américas, formações essas [frequentemente] observáveis e analisáveis em nossos esforços científicos, assentados em procedimentos metodológicos comparativos, no âmbito da comunidade científica de Estudos Literários. Como exemplo de conceito delimitado sobre o ponto, consulte-se: Segato (2007).

⁸ Quando consideramos o conjunto do pensamento de Édouard Glissant, cabe assinalar a pertinência de um terceiro aspecto, relacionado ao exame de obras literárias amefricanas: sua Opacidade ou, mais especificamente, seu direito à Opacidade (no original, *droit à l'Opacité*), cuja apropriação permitiria, a investigações centradas na categoria de amefricanidade, salvaguardar o potencial epistemológico de obras literárias, assim como de poéticas amefricanas; além de – ponto importante, aos fins do presente dossiê – prevenir o risco de, obliterando o direito à Opacidade em obras amefricanas, reduzir seu Diverso a fatores comuns preestabelecidos por nossa própria fortuna crítica sobre o tema, consoante a nossas expectativas (ou, eventualmente, a nossas imagens de controle, conforme Hill Collins, 2019) (ou, ainda, a nossos dispositivos de racialidade, conforme Carneiro, 2023) sobre o que devem ser e o que devem dizer literaturas negras ou afro-.

abordagens apresentadas. Por fim, o terceiro grupo traz a perspectiva da amefricanidade para os estudos das áreas de Escrita Criativa, Tradução e Educação.

Literaturas e intelectualidades amefricanas

O texto “A ética amefricana como prática pedagógica da literatura afro-latino-americana”, de Rogério Mendes, aponta a ausência de um referencial teórico de autoria negra no processo de formação da literatura hispano-americana pela historiografia e crítica literária, falta essa que atinge, também, a curricularização escolar. Partindo da concepção de Cidade Letrada, do intelectual uruguaio Ángel Rama, Mendes defende que o favorecimento, a criação e a manutenção de paradigmas que se tornaram motivos educacionais em linguagens que até hoje são utilizadas como marcos civilizatórios remetem à evolução e à permanência de um sistema de códigos e letramentos ocidentais responsável por multiplicar a atuação de agenciamentos de valores pragmáticos e simbólicos nos países que passaram pelo processo colonizatório em sua história. Nesse sentido, apresenta a figura-conceito do *cimarrón*, o negro fugido, aquela pessoa que buscava não somente a liberdade da imposição do trabalho forçado como também a possibilidade de dar prosseguimento aos seus valores cosmogônicos que o definiam como indivíduo e cultura, tornando-se, portanto, a reprodução das traduções intelectuais da afrodescendência exercidas pela liberdade de representação de si como sujeito e coletividade. O pesquisador propõe a ideia das *pedagogias da cimarronaje* como uma proposta de pensar as literaturas amefricanas pela perspectiva cimarrona, responsável não apenas por viabilizar as tradições africanas em linguagens independentes, mas também por disponibilizá-las como dinâmicas outras de percepções de mundo.

Já Denis Moura de Quadros, em “Escrita, escritura, inscritura: pensando em conceitos ogúnicos na forja-útero da amefricanidade”, ao compreender que as ferramentas do colonizador não auxiliarão os povos em situação de colonização a realizar uma mudança autêntica, apresenta ferramentas e conceitos a partir do questionamento de formas de leitura e análise de obras de autorias negras, destacando as escrevivências, de Conceição Evaristo, e a oralitura, de Leda Maria Martins, como reflexões fundamentais para uma abordagem outra que promova uma crítica literária efetivamente amefricana.

Análises de obras literárias a partir das poéticas amefricanas

“Narrar e reescrever a história do negro no Rio de Janeiro do século XX: o ponto de vista nos romances de Paulo Lins”, de Thiago Rodrigues, analisa os romances *Cidade de Deus* e *Desde que o samba é samba* a partir das estratégias narrativas desenvolvidas pelo escritor Paulo Lins. A hipótese defendida por Rodrigues, com base no acúmulo da crítica brasileira (em especial, Roberto Schwarz e Antonio Candido), é a de que as obras, publicadas em 1997 e 2012, respectivamente, apresentam pontos de vista narrativos distintos, relacionados aos seus momentos históricos de produção, com os constructos de raça e classe como centrais:

em *Cidade de Deus*, o narrador assume o viés antropológico através de uma dinâmica de aproximação e afastamento em relação aos sujeitos expropriados que figuram na obra à medida que os conflitos se tornam mais intensos; em *Desde que o samba é samba*, o narrador age como um historiador social, reconhecendo e incorporando as tradições africanas e negro-brasileiras que emergem da região do Estácio. Para Rodrigues, enquanto havia, no final do século XX, um desejo pela voz do outro, em meados dos anos 2000 o objetivo era resgatar a história e instaurar o debate acerca da participação da população negra na constituição da nacionalidade brasileira. Nas fissuras e ambivalências implicadas nos dois processos narrativos, Rodrigues defende que *Cidade de Deus* é um romance mais bem realizado que *Desde que o samba é samba*, visto que, neste último romance, a forma narrativa ameniza os conflitos históricos pelo didatismo que apresenta na tentativa de evidenciar o ponto de vista do narrador.

“A literatura-terreiro e os saberes afro-diaspóricos: o jarê como luta anticolonial em *Torto Arado*”, de Renan Cabral Paulino e Rejane Pivetta de Oliveira, propõe uma análise decolonial da obra de Itamar Vieira Junior através das lentes da literatura-terreiro, conceito pensado pelo pesquisador brasileiro Henrique Freitas, que entendeu ser necessária uma outra concepção de análise para obras que apresentam as entidades do candomblé – orixás – como voz narrativa e/ou como personagens. Uma vez que a literatura-terreiro compreende o corpo como elemento primordial para a produção de narrativas, textos de Leda Maria Martins (*Performances do tempo espiralar e Performances da oralitura: corpo, lugar da memória*) e de Luiz Rufino (*Pedagogia das Encruzilhadas*) encaminham a discussão sobre os conceitos de aplicação em literaturas afrodiaspóricas, visto que conceitos tradicionais, eurocentrados, não têm dado conta da complexidade dessas pulsantes formas de escrita.

A abordagem do corpo também está presente na reflexão “Química e Física: o mais belo dos belos, de Miriam Alves”, na qual Luciana de Souza e Santos propõe uma análise muito interessante do conto *Química ou Física*, da antologia *Juntar Pedacos* sobre a exaltação do corpo negro pelo viés da autoafirmação.

“As intersecções na representação da mulher em *O avesso da pele* e *O beijo na parede*”, de Havilla Cristina Costa da Silva e Rubenil da Silva Oliveira, aproxima duas obras do premiado escritor Jeferson Tenório a partir da análise das personagens femininas que, diariamente, convivem com as convergências das formas de estereótipo, opressão e violência que as permeiam. Ao situar as narrativas na cidade de Porto Alegre/RS, Tenório apresenta ao mundo (dado o grande número de traduções que sua obra vem recebendo, em especial, *O avesso da pele*) a capital mais ao sul do Brasil e suas questões raciais em um espaço também contemplado pelo projeto de branqueamento da população, fortemente desenvolvido no sul da América do Sul no século XIX. A partir de estudos de Angela Davis, Lelia Gonzalez, bell hooks, Grada Kilomba e Heleieth Saffioti, que analisaram, em distintos tempos e espaços, as interseccionalidades de gênero, raça e classe, Silva e Oliveira apresentam, baseados nas narrativas de Tenório, as violências às quais as mulheres periféricas estão submetidas por conta das influências do patriarcado.

Amefricanidades na Escrita Criativa, Tradução e Educação

Izanete Marques de Souza utiliza a metodologia da análise de conteúdo para, em “O fazer literário explicitado e subjetivado”, analisar a trilogia *Binti*, da escritora norte-americana de ancestralidade nigeriana Nnedi Okorafor. Ao concordar que a pessoa que escreve tem liberdade de criação de variadas possibilidades, a autora defende que é a realidade a principal fonte de construção de textos poéticos, independentemente do gênero literário, e que, para autoras negras, especialmente de mulheres, é praticamente impossível desvincular a abordagem da intersecção de raça, gênero e classe, responsável pela transição simbólica entre passado e presente com a intenção de projetar um futuro – em um presente fantástico – que sintetize mundos distópicos e utópicos. Através dos estudos sobre análise proposicional do discurso, Souza afirma que a originalidade de uma obra não se dá no assunto em si, mas na forma como se estrutura a narrativa de uma determinada temática. Para tanto, a pesquisadora retoma uma revisão bibliográfica da Escrita Criativa de autores como Assis Brasil, Pedro Gonzaga, Jane Tutikian, Ademir Ribeiro Júnior, Scelza B. A., Enrique Páez, entre outros, em diálogo com as concepções de escrevivência, outridade/a construção do outro, empoderamento e amefricanidade.

Em “Dialeto e cultura afro-americana: uma tradução comentada do conto ‘The Strength of Gideon’, de Paul Laurence Dunbar”, Emerson de Oliveira Cardoso e Juliana Steil trazem uma reflexão sobre os desafios da tradução do dialeto sulista afro-estadunidense ao português brasileiro encontrados nas obras de Paul Laurence Dunbar. Como manter as marcas da oralidade da língua de partida na tradução à língua de chegada? Como manter, no Brasil, a diferença linguística marcada pela raça, da forma como ocorreu nos Estados Unidos? Qual variedade linguística brasileira do português seria a mais apropriada para a tradução? A reflexão pretende responder aos desafios de tradução impostos na transposição do referido par de línguas.

Por fim, uma reflexão importante que perpassa grupos de pesquisa que trabalham com autoras negras é: como as pesquisas, abordagens e percepções estão chegando na Educação Básica? É de conhecimento geral que a academia, ainda em processo de aquiescência das epistemologias do Sul, tem concedido espaço a essas reflexões e tem proporcionado ambientes propícios para discussão em disciplinas de graduação e pós-graduação, bem como em eventos acadêmicos. No entanto, apesar de o Brasil contar com duas leis para ensino e aprendizagem de culturas afro-brasileiras, africanas e indígenas (Lei nº 10.639/2003 e Lei nº 11.645/2008, com 20 e 15 anos, respectivamente, em vigor), ainda são identificados desafios em sua implementação.

Essa é a abordagem trazida pela pesquisadora Isabela Feliciano Moreira no artigo “Educação das relações étnico-raciais no Material Rioeduca de Língua Portuguesa do 8º ano para o 1º semestre de 2023”. Ao analisar o modo como o referido material se compromete com a Lei nº 10.639/2003 e com as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana a partir de

atividades propostas com base em dois textos do escritor guineense Eliseu Banori, a autora identifica uma orientação pelo viés neoliberal na concepção do referido material. Baseada em referenciais teóricos relacionados a políticas linguísticas (Rajagolapan), concepção de língua/linguagem (Volóchinov) e sua atuação na educação (Freire), bem como análise da obra *A Escola não é uma empresa* (Laval), Moreira aponta que, em nenhum momento, o material aborda a questão do racismo, que, para Lélia González, constitui-se como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira, produzindo, dessa forma, efeitos violentos sobre a população negra no país. Nesse sentido, apresentar textos de um escritor guineense, seu país, seu encantamento com o acolhimento na cidade do Rio de Janeiro não escapa à lógica neoliberal de transformação do espaço escolar em um espaço de treinamento de habilidades focado em avaliações numéricas como indicador de sucesso ou de fracasso educacional, sem privilegiar o que realmente importa, ou seja, o pensamento crítico com vistas à urgente transformação social no Brasil e nos demais países com a ferida colonial (Mignolo) imposta pelo violento processo de apropriação por parte dos países colonizadores.

Reiteramos nossos votos de que a publicação do presente número da Revista Linguagem & Ensino, tematizando e partindo do legado conceitual de Lélia González (tomada como prefácio a um conjunto de pensamento amefricano), enseje diálogos científicos e novas investigações rumo ao avanço de nossas leituras e apropriações de literaturas amefricanas, no Brasil e nas Américas, enquanto pensamento amefricano compreendido, efetivamente, em sua dimensão de produção, validação e partilha coletivas de conhecimento.

Referências

- AUGUSTO, Ronald. Transnegressão. In: AUGUSTO, Ronald. *O leitor desobediente*. Porto Alegre: Editora Figura de Linguagem, 2019. p. 101-123.
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade*. A construção do outro como não ser como fundamento do ser. São Paulo: Zahar, 2023.
- DURÃO, Fábio Akcelrud. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. *DELTA*, v. 31, n. especial, p. 377-390, 2015.
- GLISSANT, Édouard. A barca aberta. *Poética da relação*. Tradução de Marcela Vieira e Eduardo Jorge de Oliveira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, F.; LIMA, M. (Orgs.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. n.p.
- HILL COLLINS, Patricia. Epistemologias negras feministas. In: HILL COLLINS, Patricia. *Pensamento feminista negro*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 401-432.
- MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina*. La herida colonial y la opción decolonial. Tradução de Silvia Jawerbaum e Julieta Barba. Barcelona: Editorial Gedisa, 2007.

NASCIMENTO DOS SANTOS, Daiana; PEREIRA, Édimo de Almeida. Memória da escravidão na sociedade e na cultura brasileiras: a poesia afro-brasileira de Solano Trindade e Adão Ventura. *Verbo de Minas*, v. 21, n. 37, p. 342-362, 2020.

RAMOS, Liliam. Literaturas da América Latina: um percurso pelas literaturas de autoria negra latino-americana. *Herança*, v. 5, n. 2, p. 119-140, 2022.

RODRÍGUEZ, Eli. *La valija de los huesos* (Colección Poesía política latinoamericana, vol. VI). Montevideo: Bibliobarrio Editorial Artesanal, 2021

SEGATO, Rita Laura. Raza es signo. In: SEGATO, Rita Laura. *La Nación y sus Otros: raza, etnicidad y diversidad religiosa en tiempos de políticas de la identidad*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007. p. 131-150.